

ESCRITAS ESCOLARES SOB REGIME TOTALITÁRIO NO BRASIL E NA ITÁLIA: “FASCISTIZAÇÃO” DA INFÂNCIA?

Ademir Valdir dos Santos – UFSC

Devido à quantidade de estudos sobre a escola em períodos históricos totalitários, ou conforme o olhar de alguns pesquisadores, fascistas, pode-se argumentar que já se tenha dito tudo – ou quase tudo! – sobre a questão. Na visão de Genovesi (2010, p.1), a bibliografia que trata deste objeto é vasta e a “fascistização da escola” constitui uma questão *vexata quaestio*, tantas são as problematizações, os argumentos e interpretações, assim como é expressiva a literatura de base memorial que ainda hoje emerge.

Atento à tal argumentação e considerando o caráter complexo e controverso que a problemática nutre, proponho uma análise sobre a fascistização escolar cotejando dois contextos: o brasileiro, durante a chamada Era Vargas e particularmente no Estado Novo; na Itália, focalizando o regime liderado por Benito Mussolini¹.

Inicialmente são reunidos elementos que alicerçam a terminologia em uso. A seguir, seleciono uma bibliografia que parametriza breve abordagem político-cultural do Brasil e da Itália e a construção da identidade fascista em cada um desses países. Por fim, exploro fontes documentais relacionadas à escrita escolar e à infância: cadernos, livros, jornais escolares, fotografias, panfleto, legislação e objetos da cultura material escolar. A análise e interpretação estão orientadas pela identificação e caracterização da fascistização, estabelecendo um suporte teórico-metodológico que dialoga com resultados de outras pesquisas.

Como evidenciam várias investigações, à educação escolar formal – inserida do plano da cultura - foi conferido um papel estratégico nas várias ditaduras europeias e latinoamericanas da primeira metade do século passado. No que se refere à Itália e ao Brasil, são numerosas as obras que abordam sua utilização com finalidade formativa vinculada à ação de regimes totalitários e sua potência ideológica, conjugando juízos analítico-interpretativos quanto aos panoramas na Europa e na América Latina.² Estes

¹ Embora Getúlio Vargas tenha governado o Brasil por dois períodos, refiro-me ao primeiro deles, o intervalo 1930-1945. Já o comando de Benito Mussolini na Itália está compreendido entre 1922 e 1945.

² Elenco algumas: DE FELICE, *Breve storia del fascismo*; TACCHI, *Fascismo*; CASSESE, S. *Lo Stato fascista*; SANTOS, *Lo Stato Nuovo brasiliano (1937-1945) e la formazione scolastica dell'infanzia: il fascismo “goccia a goccia”*; DE FELICE, *Il fascismo: Le interpretazioni dei contemporanei e degli storici*; SCARZANELLA, *Fascisti in Sud America*; DE GRAND, *L'Italia fascista e La Germania nazista*; PANDOLFI (Org.) *Repensando o Estado Novo*; PAULO, *Estado novo e propaganda em*

referenciais discutem o *locus* destinado à instituição escolar, por vezes orbitando ao redor do construto “escola fascistizada”.

A palavra “fascistização” se origina no termo italiano *fascistizzazione*.³ No *Dizionario di Italiano* que compõe *l'Enciclopedia*, constam os termos *fascismo*, *fascista*, *fascistico*, *fascistizzare* e *fascistizzazione*. O substantivo *fascismo* é descrito como: “qualquer regime totalitário do século XX fundado sobre uma ideologia e uma política econômica do tipo fascista” (*l'Enciclopedia DIZIONARIO DI ITALIANO*, 2004, p.1131, tradução minha). Esta última concepção, de caráter amplificável, concorda com o Dicionário do pensamento social do Século XX, que localiza o fascismo como regime de alguns países:

Usado de maneira genérica, fascismo é uma palavra que designa um gênero singularmente multiforme de política moderna, inspirado pela convicção de que um processo de renascimento nacional (palingênese) se tornou essencial para pôr fim a um prolongado período de DECADÊNCIA social e cultural, e expressando-se ideologicamente em uma forma revolucionária de NACIONALISMO integral (ultranacionalismo). [...] Registraram-se movimentos fascistas de destaque na Áustria, Bélgica, Grã-Bretanha, Finlândia, França, Alemanha, Hungria, Itália, Romênia e Espanha, bem como, fora da Europa, na África do Sul e no Brasil. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p.300).

Assim, minha abordagem se orienta pela localização de um “*minimum* fascista” apoiado em dois aspectos: o mito da nação renascida e um alto nível de acordos entre os diferentes fascismos quanto às forças propostas e às formas de violência racista e imperialista - mesmo que cada fascismo em particular tenha se nutrido da cultura e história do país onde surgiu para, com isso, legitimar seu combate ao *status quo* e gerar seu conteúdo ideológico (Cf. OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, pp.300-1). Quanto ao verbo *fascistizzare*, é “comportar-se como fascista, conformar à ideologia e aos métodos fascistas”, e o substantivo *fascistizzazione* se atrela tanto ao processo como ao resultado da ação que o verbo solicita; trago um exemplo com a aplicação: “fascistizar a imprensa” (*fascistizzare la stampa*) (*l'Enciclopedia DIZIONARIO DI ITALIANO*, 2004, p.1131).

Portugal e no Brasil: O SPN/SNI e o DIP; MÜLLER, Nacionalização e imigração alemã; GERTZ, O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo; SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H.M.B.; COSTA, V.M.R., Tempos de Capanema.

³ O iDicionário Aulete, versão disponível na Internet do antigo dicionário Caldas Aulete, registra o substantivo feminino fascistização como verbete atualizado constante da língua portuguesa.

Segundo Paulo (1994), a ação estatal salazarista em Portugal⁴ e a getulista no Brasil têm em comum o fato de que em ambos os países foram utilizadas estratégias de difusão cultural fascistas. E é possível estabelecer nexos não somente entre as realidades portuguesa e brasileira, mas arrolar também a Itália e a Alemanha no bojo das relações entre governos marcados pelo fascismo e suas estratégias de propaganda.

Também para Garcia (1999, pp.102-3), a propaganda é elaboradora da ideologia. Indica a escolha das instituições escolares como local de atividades do fascismo suportadas por estratégias as mais variadas, uma vez que o nível cultural médio das classes subalternas, os seus interesses manifestos e a sua inserção no sistema social são considerados na eleição dos alvos a serem fascistizados:

A precariedade do ensino, praticamente reservado às elites, e o alto índice de analfabetismo eram fatores indicativos de que as idéias a serem propagadas deveriam ser bastante simplificadas e repetidas para despertarem atenção, serem entendidas e memorizadas. (GARCIA, 1999, p.103).

Quanto a esse apelo à propaganda em geral, particularmente quando se examina aquela destinada às instituições escolares do Brasil, há um consenso de que focalizaram a região Sul onde se situavam as zonas de imigração italiana e alemã.⁵ Especialmente as escolas comunitárias ou privadas fundadas por imigrantes europeus e seus descendentes nos núcleos de colonização foram encaradas como ameaças aos intentos políticos do governo Vargas, sendo alvo de campanhas de nacionalização que podem ser enquadradas no contexto de operações caracterizado por Outhwaite & Bottomore (1996) como fascistas.⁶

Entre os personagens alinhados ao governo de Getúlio destaca-se Francisco Campos. Para Garcia (1999, p.93), Campos é o principal ideólogo do Estado Novo. No início do mandato provisório de Vargas foi Ministro da Educação e Saúde. Buscou legitimar o sistema político apoiada num ideário fascista que foi incorporado à Constituição de 1934 e à Carta Constitucional de 1937. Em sua defesa do Estado forte e

⁴ Por Salazarismo se intitula o regime político ditatorial sob o comando de Antônio de Oliveira Salazar em Portugal, geralmente situado entre 1933 e 1974.

⁵ Sabe-se da presença de outros grupos étnicos na composição da população. Apenas se quer evidenciar aqueles mais numerosos e que, aos olhos da hierarquia comandada por Getúlio, constituíam um perigo à nação.

⁶ Este argumento é aprofundado nos seguintes estudos: SANTOS, 2010; TRENTO, 2005; BOMENY, 1999; SEYFERTH, 1999; PAULO, 1994; GERTZ, 1987.

intervencionista, foi responsável pela elaboração do arcabouço jurídico estadonovista e propunha a ditadura como o regime apropriado para o Brasil (CAMPOS, 2002, p.5).

Também ao Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, que atuou entre 1934 e 1945, são associadas estratégias que atingiram o plano cultural, notadamente a escola: “O ensino foi posto sob controle através de diversas normas, principalmente através da “Reforma Capanema” (1942); pela verificação e regulamentação dos livros didáticos e pelo processo de militarização escolar, com a criação da Juventude Brasileira” (GARCIA, 1999, p.87).

Já em Documentos sobre Fascismo e Anti-Fascismo no Brasil, Rodrigues propõe que o fascismo se nutriu de ideias de extrema direita mascaradas sob um “trabalhismo controlado por leis de exceção”:

O trabalhismo agitado pelos homens que tomaram o poder nas mãos a partir de 1930 era uma miscelânea de fascismo italiano com uma compreensível dose “de novidades” enxertadas pelos encarregados da interpretação, tradução e ajuste aos costumes e necessidades brasileiras, acrescido de meios “constitucionais” para prorrogar indefinidamente o governo provisório. (RODRIGUES, 2006, p.5).

No que diz respeito à Itália, se alude à crescente fascistização do Estado e da sociedade a partir da segunda metade dos anos 1920, relacionando o fortalecimento do fascismo à atividade sobre o plano da cultura.

...atenta aos “instrumentos” culturais postos em campo pelo regime. Existiu, sem dúvida, uma política cultural do fascismo, almejante de fascistizar a cultura existente e a criar *ex novo* institutos, entes e aparatos culturais nos quais, graças justamente à presença dos intelectuais mais ou menos comprometidos com o regime, se explicou [...] a política cultura e propagandística do fascismo. (TACCHI, 2011, p.123, tradução minha).

Na antologia preparada por De Felice (2008) são reunidas pesquisas e ensaios sobre as origens do fascismo, assinados por nomes como Gramsci, Croce, Fromm, Arendt e Popper. Propõe-se uma interpretação do fascismo conforme seus contemporâneos e historiadores, defendendo-o como um fenômeno da primeira metade do século XX que, a princípio, é tido mais como italiano, num segundo momento é europeu, posteriormente chega a ser mundial.

No âmbito da educação, o regime italiano contou com dois homens fortes. Segundo Tacchi (2011, p.82, tradução minha), Gentile marcou o início do “Estado Educador”:

Em 1923 o ministro da instrução Pública Giovanni Gentile iniciou os procedimentos de reforma da escola relativos às várias ordens e graus. A “mais fascista das reformas”, como enfaticamente a apresentou Mussolini, teve uma forte marca autoritária e era coerente com os princípios pedagógicos do *attualismo*⁷ gentiliano. O estado “educador” devia dar prova da própria força primeiro na escola, depois na sociedade: não somente a estrutura escolar foi reorganizada em sentido estreitamente hierárquico, mas do ponto de vista pedagógico-ideológico...

Quanto à ação de intelectuais a serviço do poder, Giuseppe Bottai buscou reunir consenso entre a intelectualidade italiana quanto a uma alma “cultura” do fascismo por meio da organização de instrumentos culturais que favorecessem o regime (TACCHI, 2011, p.129).

Na Itália, numa primeira etapa da implantação do fascismo, a propaganda fazia um uso desordenado dos meios de comunicação, mas tinha foco na escola:

uma acção mais centrada num dos mais “clássicos” aparelhos de propaganda de Estado: o sistema de ensino. Desde 1922 o Ministério da Educação, chefiado por Giovanni Gentile, cuida não só do afastamento dos docentes contrários ao regime e da formulação dos currículos escolares, mas também da introdução das organizações da juventude fascista no quotidiano escolar. (PAULO, 2004, p.15).

Foram institucionalizados projetos fascistizantes voltados à infância e juventude:

Nas escolas do ensino primário e secundário as práticas fascistas iniciam-se aos quatro anos, quando o menino é levado a participar de um grupo que possui o nome mitológico de “Os filhos da Loba”, uma clara alusão à mística do Império romano. Aos oito anos transforma-se num *Balilla*, [...] Aos quatorze anos os jovens são convertidos em *Avanguardisti*, e aos dezoito anos, em membros da Juventude Fascista, os *Giovanni Fascisti*; [...] No meio feminino havia uma hierarquia idêntica. (PAULO, 2004, p.15).

⁷ O *attualismo* é a doutrina de Gentile, que põe no espírito, entendido como ato puro, o princípio absoluto da realidade. (Cf. DIZIONARIO DI ITALIANO, 2004, p.284).

Mergulho agora nas fontes e analiso um caderno escrito na Itália. Mario Dal Mas, nascido em Belluno em 1931, portanto em plena era fascista, revela em seu “Diario” a atividade escolar da época. É datado de 1939, ano em que segundo uma anotação à lápis no verso da primeira capa, “Mario ha 8 anni” (Mario tem 8 anos). Como exigido, o pequeno participou das organizações juvenis do Partido Nacional Fascista. Por isso, sua família conserva ainda hoje sua faixa de *Figlio della Lupa* (Filho da Loba) (Fig.1).



Figura 1 – Faixa de Filho da Loba que pertenceu ao aluno italiano Mario Dal Mas.
Fonte: Acervo da família Andrich (Vallada Agordina, Itália).

Mario passou a infância em Belluno, sede da província. Estudou na escola elementar dedicada ao pedagogo Aristide Gabelli, que foi construída sob o regime fascista por obra de Pierina Boranga, secretária do *Fascio*⁸ feminino local. Pode-se ter uma idéia daquela estrutura escolar no manuscrito recebido de um sobrinho de Mario:

Escola estatal, portanto, mas de vanguarda: Boranga quis salas grandes e luminosas, por motivos de comodidade e de saúde dos alunos (uma classe de 25 crianças, para se ter uma ideia concreta, está muito cômoda), um amplo pátio, uma rica biblioteca e dois laboratórios, um para os meninos, outra para as meninas. Aos meninos se ensinavam as bases do fazer de marceneiro, às meninas aquela que se chamava “economia doméstica”: saber ter em ordem a casa, cozinhar, bordar,... [...] Uma estrutura externa servia, na boa estação, para as aulas ao aberto. Enfim, no centro do pátio, se encontra ainda a haste da bandeira, em torno da qual a escola se reunia para as manifestações patrióticas. (ANDRICH, 2012, tradução minha).

A descrição é de Cesare Andrich, que também estudou na *Scuola Elementare Aristide Gabelli*:

⁸ *Fascio*, no plural, *Fasci*, é a denominação que indicava as muitas associações e grupos políticos e paramilitares vinculados ao Partido Fascista italiano.

Todas essas coisas conheço não dos livros mas pessoalmente, tendo passado ali os meus cinco anos de escola elementar. Outras coisas aprendi visitando uma exposição em que foi reconstruído, com os móveis originais, o interno das salas de aula da escola Gabelli: como em todas as escolas da Itália, na época sobre a cátedra do professor se encontrava no alto, preso à parede, o Crucifixo, enquanto, um pouco mais em baixo em sinal de respeito, os retratos do Rei e de Mussolini. (ANDRICH, 2012, tradução minha).

Quanto ao caderno de Mario, a ilustração sobre a capa retrata cena da guerra da Etiópia, exaltando a política externa nacionalista-imperialista impulsionada pelo fascismo. Segundo Tacchi (2011, p.183, tradução minha), “O imperialismo préfascista pressupunha um direito da Itália à expansão no Mediterrâneo (o *Mare nostrum*), na África e no Adriático”; isto é o que se quis fazer ver no caderno infantil, pois além do desenho aparece o seguinte texto: “As populações da zona de Dessiè se apresentam ininterruptamente ao Comando do Corpo de Armada eritreu para fazer ato de submissão. Os habitantes confraternizam rapidamente com os nossos *ascari*” (SCUOLA ELEMENTARE ARISTIDE GABELLI, 1939, tradução minha).⁹ Lembro que os cadernos eram distribuídos gratuitamente pelo governo. Nesse caso, a escrita estampa finalidades defendidas no projeto fascista, apregoando tacitamente a superioridade dos europeus em relação aos africanos, de fundo racial discriminatório.

Folheando suas páginas depara-se com um texto que descreve a participação da Itália na Primeira Guerra Mundial e onde é destacada a bravura dos soldados italianos diante dos austríacos. O registro de tais episódios, através de escrita própria, certamente tocou o pequeno Mario, uma vez que seu pai, Ugo Dal Mas, participou da guerra da Líbia (1912-13) e também na Primeira Guerra Mundial, combatendo em território líbio, na Itália e no *front* francês. Em 1918 foi promovido a oficial e iniciou vida política local como funcionário do Partido Nacional Fascista (Cf. ANDRICH, 2012). Fica exemplificado como o caderno escolar funciona como artifício ideológico que chega à infância.

Em algumas das páginas são descritos fatos do ambiente escolar, assim como episódios familiares. Num desses textos, o menino descreve a ida com seus pais para assistir a uma representação da *Aída* pelo *Carro di Tespi*, companhia de teatro itinerante

⁹ O termo italiano *ascaro* designa os “soldados indígenas das colônias italianas da Eritreia e Somália” (cf. *l'enciclopedia, Dizionario di italiano*, p.246).

criada em 1930, apoiada pelo regime fascista e que objetivava levar a ópera às massas. Registrou: “O teatro estava completamente cheio de gente chegada dos mais longínquos países da província. A cena de que mais gostei é aquela do retorno do exército faraônico vencedor da Etiópia. O palco cênico estava cheio de guerreiros” (SCUOLA ELEMENTARE ARISTIDE GABELLI, 1939, tradução minha).

Já o caderno utilizado pelo professor catarinense Gustavo Tank exemplifica a escrita escolar sob o Estado Novo brasileiro. Ao folheá-lo é possível identificar a preocupação docente com o planejamento das atividades. Há um rol dos trabalhos da semana letiva com ênfase na Linguagem Oral, Escrita e Leitura e na Aritmética. Constam também História, Geografia, Canto e Ditados, além de um item chamado Diversos (CADERNO, 1939). A escrita professoral registra ainda cartas, letras de músicas e traduções.¹⁰ Numa das páginas há um texto enaltecendo o governo do país, possivelmente repassado ao alunado. Ficam evidentes as dificuldades na escrita do português do professor, um descendente de imigrantes bilíngue de quem se exigiu a mudança na docência para atender aos moldes da campanha de nacionalização em andamento:

Governo do Brasil

O Brasil tem o seu governo. Esse governo chamase Governo Brasileiro. Um paiz como o Brasil que tem o seu governo proprio chamase Nação Soberna. Cada nação soberana governa se sosinho sem render obediencia a uma outra nação. (sic). (CADERNO, 1939).

Os cadernos são entendidos como um suporte peculiar da escrita escolar. Dão testemunho sobre a cultura infantil, a prática docente e o envolvimento de outros atores do processo educacional. Podem ser meios desveladores do modo como funcionam como instrumento pedagógico de controle, homogeneização e inculcação de arbitrariedade cultural sob um regime ditatorial (ANGULO, 2008).

Também os livros didáticos podem veicular propaganda dirigida à população escolar, atuando diretamente na classe e atingindo as crianças por intermédio da ação docente, possibilitando inculcação ideológica relacionada às prescrições curriculares da legislação educacional. O *Programa de ensino das escolas isoladas das zonas coloniaes*, por exemplo, visava regular a atividade docente nas escolas espalhadas pelos núcleos de colonização europeia. Seu teor mostra a presença dos princípios

¹⁰ Quanto à presença da tradução como recurso didático-pedagógico, cabe lembrar que várias eram as escolas que atendiam filhos de imigrantes europeus, que necessitavam aprender a Língua Portuguesa.

nacionalistas que já orientavam a educação escolar desde o fim da Primeira Guerra Mundial e que se perpetuaram pelas décadas de 1920 e 1930. Detalha o uso de Cartilha e dos Livros de Leitura, bem como as atividades didáticas preconizadas para as disciplinas Linguagem Oral, Linguagem Escrita, Leitura, Aritmética, Cantos, Geografia, História do Brasil, Educação Moral e Cívica, Higiene, Ginástica e Trabalhos Domésticos (para a Secção feminina) (SANTA CATARINA, 1926). Compõe o aparato de legislação criado no Estado Novo, carregado de preceitos nacionalistas e que lançava mão de fundamento racial para justificar a busca pelo abasileiramento e formação cívica através das escolas (Cf. SANTOS, 2009).

Na Itália, a alteração do conteúdo escolar foi determinada pela Reforma Gentile, de 1923. Assim, o currículo do nível elementar passou a incluir matérias como Canto, Nações várias e cultura fascista, História e cultura fascista, Disciplina (Conduta), Trabalhos domésticos e manuais, Educação física e Higiene e cuidados das pessoas. É o que se verifica na *Pagella Scolastica*, ou seja, no Boletim Escolar da menina Fiorenha Ganz, que estudava na 3^o. Classe da Escola Elementar Mista de Falcade, Província de Belluno. Esta fonte ratifica a criação de conteúdos específicos para a composição ideológica da fascistização. O boletim traz os dados de frequência e aproveitamento, mas serviu para registrar a adesão de Fiorenha às organizações infanto-juvenis do fascismo. Por isso, a capa do documento tem as inscrições Ministério da Educação Nacional e Opera Balilla (*Opera Balilla*). E no interno, assinala que aquela menina, então com 9 anos, estava inscrita na Opera Nazionale Balilla com a carteirinha número 1131734. E era o “Ano Escolar 1932-1933, Ano XI da Era Fascista” (SCUOLA ELEMENTARE MISTA COMUNE DI FALCADE, 1933). Nesse caso, atendendo à difusão do culto fascista desde a infância.

Diversas percepções sobre a penetração do fascismo na escola foram recolhidas numa obra organizada por Genovesi (2010, tradução minha), intitulada *Eu também estava! A escola no Vintênio – Recordações e reflexões*, na qual várias personalidades testemunham, com base nas suas lembranças da infância e juventude, quanto à organização escolar italiana durante o regime de Mussolini. O conhecido historiador Mario Manacorda, um dos depoentes, refaz seu percurso discente atravessando a escola elementar, o ginásio, o liceu e a universidade, comentando que suas recordações são compostas de *flashes* isolados onde se mesclam elementos fascistas, antifascistas e afascistas; lembra do autoritarismo, de aspectos ideológicos e de atitudes docentes de subserviência mas também daquelas de protesto contra o regime. Sobre os anos no liceu

afirma: “A escola era muito étnica, nacional, ao invés nacionalista. [...] ... era uma cópia menor das culturas nacionalistas do resto da Europa” (MANACORDA, 2010, p.40-1).

No Brasil, a utilização da escola como veículo para difusão dos objetivos do nacionalismo de matiz fascista levou à produção de propaganda para distribuição nas instituições escolares. Destacamos dois exemplares desse material: a Lembrança oferecida pelo Departamento de Educação e o livreto O Brasil é Bom, do Departamento Nacional de Propaganda (DNP).

A Lembrança consiste em um panfleto de papel dobrado em três partes, contendo seis abas. A impressão é feita em tinta azul, pela Imprensa Oficial do Estado. Há uma bandeira brasileira nas cores padrão ao lado do Hino à Bandeira. Na aba frontal central aparecem o brasão nacional e a identificação do Estado de Santa Catarina. Em maiúsculas, ao centro, está escrito: LEMBRANÇA oferecida pelo Departamento de Educação 1938. A primeira aba externa traz o texto A Pátria, assinado por Rui Barbosa; a última tem a Oração à Bandeira. As três abas internas apresentam, respectivamente, o Hino da Independência, o Hino Nacional e o Hino à Bandeira (SANTA CATARINA, 1938). A presença desse documento nas escolas revela que houve iniciativas estatais de realizar uma propaganda massificadora, de tom eminentemente panfletário.

Orientado pelo mesmo ideário, O Brasil é Bom é um opúsculo que exalta o Estado Novo e as coisas brasileiras. A redação de suas 30 partes utiliza o recurso de apresentar perguntas ao leitor, dirigidas a um menino. As respostas oferecidas tem um tom infantilizante, com frases ricas em adjetivação que pretendem caracterizar com repetidos elogios o regime político e a liderança ideais. No item 1, por exemplo, consta:

O Brasil é bom. Porque o Brasil é bom? Isso é que o menino quer saber. É fácil explicar porque o Brasil é bom, porque é grande e forte. Porque produz, porque seu solo é rico, porque tem uma natureza prodigiosa, porque seus filhos trabalham. Mas o Brasil é bom sobretudo porque tem o governo que lhe convém. (BRASIL, 1938).

Como é próprio na propaganda dos regimes políticos ditatoriais, há constante enaltecimento do “chefe”, apresentado como figura paterna e líder consensual:

O chefe do governo é o chefe do Estado, isto é, o chefe da grande família nacional. O chefe da grande família feliz. Por isso, o chefe do governo é o chefe nacional. Quem é o chefe nacional? É o chefe do governo. Quem é o chefe do governo? O menino sabe que é Getulio Vargas. Getulio Vargas é um homem que sorri. Sorri porque tem confiança no Brasil. Todos os brasileiros devem ter confiança no

Brasil. Getulio Vargas é o chefe nacional pela vontade do povo brasileiro. (BRASIL, 1938).

Dentre as justificativas de atuação do autoritário Estado Novo consta uma radical defesa da pena de morte, constante da Constituição de 1937, que foi redigida sob inspiração fascista. Faz pasmar a tentativa de amenizar a proposta radical sob a linguagem destinada às crianças: “Pena de morte? Sim, senhor. O menino não fique espantado. A pena de morte não é para o bom cidadão. Não é para o bom brasileiro”; mais adiante, o texto explica que sua adoção não é motivo de vergonha para o Brasil, uma vez que:

Os Estados Unidos tem pena de morte e os norte-americanos não se envergonham disso. A Inglaterra tem a pena de morte e não se envergonha disso. A Alemanha tem pena de morte. A Italia também tem pena de morte. A Russia tem pena de morte também. Estados liberais, Estados facistas e Estado comunista, todos tem pena de morte. [...] A pena de morte é um meio de livrar o país dos inimigos da Pátria! (BRASIL, 1938).

Transcrevo um relato da filha do “Chefe”, Alzira Vargas, sobre sua visita, em 1937, à Alemanha de Hitler, em que avalia a educação juvenil sob o nazismo:

Não tenho a menor dúvida de que este país se prepara a guerra e guerra próxima. Dois gigantes oficiais da Guarda Negra, às ordens de mamãe, nos acompanharam dia e noite e nos fazem visitar as obras do Führer. Fomos ao Ginásio de Hitler: os exercícios físicos a que se submetem meninos de 13 e 14 anos visam exclusivamente a adestrá-los para combater. Rastejam no chão como se estivessem se movendo em um campo de batalha, sob metralhadoras. Atravessam estreitos e longuíssimos tubos de ferro como para habituar os olhos à escuridão, os pulmões à precariedade de ar puro e o corpo à exigüidade de uma trincheira. Lançam pedras, pedaços de madeira e objetos pesados a grandes distâncias, como quem lança uma boba. Escalam muralhas de 2 a 3 metros com a rapidez e o silêncio de quem assalta uma posição fortificada. (PEIXOTO, 1960, p.283).

Do mesmo modo, o Estado Novo reservou um lugar especial à infância e juventude brasileiras, às quais propunha militarizar. Os exercícios de Ginástica, à moda dos quartéis, visavam inculcar obediência e respeito. O livro Exercícios de Gymnastica – Usados nas escolas publicas do Estado de Santa Catharina reúne instruções como: “O professor dará as vozes, tendo em vista que ellas sempre se compõem de dois tempos: o

de *advertencia* e o de *execução*”, “ Exercícios preliminares para formatura” como “Direita – volver”, “Descan-çar” e “Sentido”¹¹, Formatura e Exercícios calistehnicos, sendo estes últimos destinados também às seções femininas (SANTA CATARINA, 1920, pp.1-9). A fotografia explicita o caráter que impregnou a educação escolar infantil (Fig. 2):

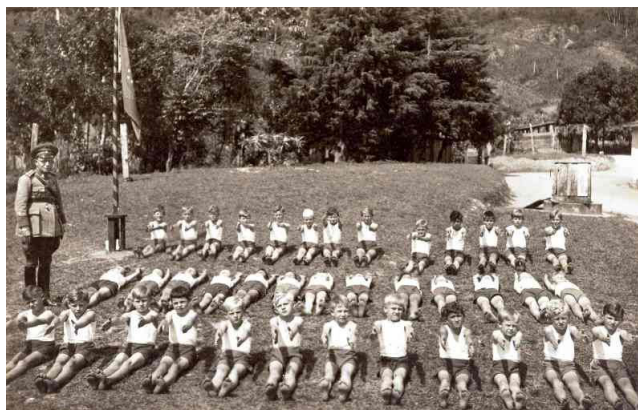


Figura 2 – Aspecto da Educação Física escolar com caráter militar, em escola de região meridional brasileira, durante a campanha de nacionalização do Estado Novo.
Fonte: Arquivo Histórico Eugenio Victor Schmoeckel – Santa Catarina – [194-?]

Outro documento que pode ser visto como elemento do nacionalismo fascistizante é o Catecismo Cívico do Brasil Novo. Como Catecismo apresentado à população, pretendia de fato “doutrinar sobre questões sociais; ensinar; procurar convencer; aliciar” (FERREIRA, 1963,p.255). Analiso o conteúdo desta fonte particular com base num exemplar carimbado na data de 7 de junho de 1939 por uma Sub-Delegacia de Polícia de uma pequena cidade do interior catarinense. Apresenta uma capa colorida de tom esverdeado, sobre a qual se destaca a imagem do presidente em traje de gala. Publicado pelo Departamento Nacional de Propaganda, tem 36 páginas, estando dividido em 10 seções: A Nacionalidade, Deveres para com a Pátria, Defesa Nacional, O Princípio da Autoridade, O Regime Autoritário, Direitos do Brasileiro, Organização Nacional, O Estado Novo e os Interesses do Povo, Organização e Desenvolvimento do Estado Novo e Confiança no Futuro do Brasil (BRASIL, 1937). Os textos são organizados em Perguntas e Respostas, buscando uma comunicação

¹¹ Para que os comandos fossem atendidos se conjugava a atitude do professor com aquela do aluno, à moda de uma relação militar: “Quando as vozes se compuzerem de um único termo, o professor deverá pronunciar as primeiras syllabas, descansadamente, e as ultimas rápida e carregadamente; exemplo: desncan . çar. sen . . tidô, deban . .dar, al .to.” (SANTA CATARINA, 1920, p.1-2)

didaticamente orientada para gerar uma fácil compreensão, revelando um tom nacionalista exacerbado e uma discursividade de intenções catequéticas que visava consolidar ideologicamente a imagem do líder e do regime por ele comandado.

A forma como a infiltração ideológica de cariz fascista chegou às escolas é também percebida na produção de jornais escolares de autoria das crianças, uma escrita infantil gerada debaixo de uma estética subordinada ao controle estatal. Tive acesso a um conjunto de onze edições de um jornal produzido por alunos da segunda e terceira séries da Escola Isolada Municipal Luiz Delfino, situada em um município do nordeste catarinense onde estavam núcleos de imigrantes europeus, notadamente alemães e italianos. Foi intitulado “Tudo pelo Brasil” e os exemplares remanescentes foram feitos entre agosto de 1941 e fevereiro de 1944. Os textos são escritos e ilustrados pelas crianças, mas incluem cópias de trechos de livros didáticos e de material de propaganda do Estado Novo que foi distribuída naquela região (como O Brasil é Bom e O Catecismo Cívico).

O teor de cada uma das edições tem elementos comuns: alusões aos heróis nacionais, datas cívicas vinculadas à constituição da nação brasileira ou que festejavam os líderes políticos e principalmente discursos apologéticos sobre Vargas e o Estado Novo. A edição de abril de 1942 festeja o aniversário de Getúlio:

O aniversário do Presidente Vargas nesta escola. Aos desenove dias do mês de abril de mil novecentos quarenta e dois (1942) associando-se aos festejos do natalício do Presidente Vargas foi organizado uma festa interna nesta escola, regida pela professora regente, Juliana K. V. Coutinho.

Tendo comparecido os alunos matriculados nesta escola, cantaram aclamaram reciaram saudações e cantaram hinos. (*sic*). (ESCOLA MUNICIPAL LUIZ DELFINO, Tudo pelo Brasil, 1942).

De acordo com Paulo (1994, p.66), é comum a veneração de uma imagem paternalista de Vargas nas escolas:

Ele é o grande “herói” dos jovens e crianças e o seu nome está presente nas comemorações e nas cantigas escolares, como por exemplo:

Presidente leal e bondoso
É Getúlio, o nosso protector
Das crianças ele é o amigo
Seu futuro para mim ele chamou.

Instrumento de uma propaganda que ecoou nas instituições, o jornal escolar pode ser visto como mais um difusor do ideário que sustentava a pretensa fascistização da sociedade.

A música, enquanto dado cultural da nação brasileira, e o Canto, como elemento do trabalho pedagógico, foram recursos de propaganda amplamente utilizados. Na modalidade Canto Orfeônico, tendo como líder nacional o músico e compositor Heitor Villa-Lobos, foi incluída na grade escolar: “a implantação na escola do Estado Novo do ensino do canto coletivo consistiu em um movimento didático-político-musical, revelando relações entre Nacionalismo e a educação musical de Villa-Lobos” (AMATO, 2007, p.218). Entre as fontes relacionadas cito o manual Hymnos Patrioticos e Canções Escolares (SANTA CATARINA, [s.d]), evidência da chegada daquela iniciativa nas escolas. O livrinho que contém partituras musicais foi localizado junto do material de um professor primário que atuou na região nordeste catarinense nos anos 1930-1940. Seu índice arrola 52 canções, que incluem diversos hinos e outras músicas para o público infantil. Cito os versos de Sou Brasileiro, que enaltece a condição de pertencimento à nação:

Sou brasileiro!
Mesmo pequenino
Ponho na Pátria
Todo o meu destino
Almo, fagueiro...
Cantarei o hino
Sou brasileiro! (SANTA CATARINA, s.d).

Como produto cultural que podia sugerir os ideais de nação e de povo almeçados, “A música popular foi utilizada, indiretamente, através da indução de artistas a comporem músicas cujas letras fossem adequadas aos interesses do governo” (GARCIA, 1999, p.157). Segundo Paulo em sua análise sobre o culto realizado a Vargas, o objetivo de torná-lo o mais popular possível foi proposto por meio de um concurso musical:

Em 1940, para comemorar o aniversário do Presidente, é realizado na rádio um concurso de músicas sobre a sua pessoa. A letra vencedora, um samba, traduz bem a dupla imagem popularizada de Getúlio:
“Se veio ao mundo, foi Deus quem quis
O **timoneiro** que está no leme do meu país
E para que siga o **rumo** certo, meu Brasil
Deus que lhe dê muitos dezanove de Abril.” (PAULO, 1994, p.65-6, grifos meus).

Identifico nos versos a coincidente imagem de timoneiro que apareceu também na propaganda de Mussolini veiculada por meio de um livro didático que circulou na Itália fascista e foi distribuído nas escolas: *Il Grande Nocchiero*, ou seja, O Grande Timoneiro. Obra dedicada exclusivamente a contar a saga de Mussolini e sua escalada ao poder, é dividida em três partes. A primeira intitulada *La Nave Sbandata* (O Navio Inclinado), quer configurar a Itália antes do *Duce* como quase à deriva e perigosamente perto de naufragar, desorientada moral e ideologicamente. A segunda seção se chama *Il Grande Nocchiero* e fala daquele que operou um milagre, reescrevendo uma trajetória que vai desde o Mussolini menino, passando por sua atuação como professor, pedreiro, militar, jornalista e deputado, culminando com sua liderança na “marcha sobre Roma”. A última parte, *Sulla Sicura Rotta* (Na Rota Segura) ressalta que o fascismo é o rumo sólido em direção ao futuro.

Diante da controversa problemática da fascistização da escola, a análise das relações entre as perspectivas político-culturais e o teor das escritas escolares, nos contextos históricos totalitários brasileiro e italiano, questionou a potência e o alcance da propaganda de base ideológica em sua penetração no ambiente escolar. A comparação delineou possibilidades de fascistização da infância em ambos os países, configurada por aspectos ora similares, ora contrastantes, fortalecendo a conceitualização em discussão.

Perscrutando os limites do que as fontes podem revelar, considerando sua objetividade mas também as subjetividades possíveis, o estudo apresentado recorreu à memorialística que testemunha e às fontes que revelam, conjugando-as nas interpretações. Afinal, a busca por (re)fazer a história da escola é também uma empreitada que ainda solicita hipóteses, ideias e argumentação. E move a pesquisa rumo a desafiantes direções, interrogando a realidade construída pela humanidade.

Referências

- PEIXOTO, A. V. A. *Getúlio Vargas, meu pai*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1960.
- AMATO, R. C. F. Villa-Lobos, Nacionalismo e Canto Orfeônico: projetos musicais e educativos no Governo Vargas. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.27, p.210-220, set.2007.
- ANGULO, K. M. O conteúdo emocional de três cadernos escolares do franquismo. In: MIGNOT, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p.205-221.

- BOMENY, H. M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, D. (Org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p.137-166.
- CAMPOS, F. *O Estado Nacional*. eBooksBrasil.com.2002
- CASSESE, S. *Lo Stato fascista*. Bologna: il Mulino, 2010.
- DE FELICE, R. *Breve storia del fascismo*. Milano: Mondadori, 2011.
- DE GRAND, A. J.. *L'Italia fascista e La Germania nazista*. Bologna: il Mulino, 2005.
- DE FELICE, R. *Il fascismo: Le interpretazioni dei contemporanei e degli storici*. Roma-Bari: Laterza, 2008.
- l'Enciclopedia DIZIONARIO DI ITALIANO*. Roma: Gruppo Editoriale L'Espresso SpA, 4v., 2004.
- FERREIRA, A. B. H. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 10.ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1963.
- GARCIA, N. J. *Estado Novo, Ideologia e Propaganda Política: A legitimação do Estado Autoritário perante as classes subalternas*. Ebooksbrasil.com, 1999.
- GENOVESI, G. (a cura di). *C'ero anch'io! A scuola nel Ventennio Ricordi e riflessioni*. Napoli: Liguori Editore, 2010.
- GERTZ, R. E.. *O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=fascistiza%E7%E3o.
- MANACORDA, M. A. La mia scuola sotto il Fascismo. In: GENOVESI, G. (a cura di). *C'ero anch'io! A scuola nel Ventennio Ricordi e riflessioni*. Napoli: Liguori Editore, 2010, p.27-47.
- MIGNOT, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- MÜLLER, T. L.. *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.
- PANDOLFI, D.. (Org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999;
- PAULO, H. *Estado novo e propaganda em Portugal e no Brasil: O SPN/SNI e o DIP*. Coimbra: Livraria Minerva, 1994.
- RODRIGUES, E. (Org.). *Documentos sobre Fascismo e Anti-Fascismo no Brasil*. E-BooksBrasil, 2006.
- SANTOS, A. V.. Lo Stato Nuovo brasiliano (1937-1945) e la formazione scolastica dell'infanzia: il fascismo "goccia a goccia". *History of Education & Children's Literature*. v.1, 2010, p. 315-336.
- _____. A política educacional nacionalista e o aspecto linguístico: vestígios na escola primária. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.90, n.225, p.511-527, maio/ago.2009.
- SCARZANELLA, E.. *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005.
- SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H.M.B.; COSTA, V.M.R.. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra; EdUSP, 1984.
- SEYFERTH, G. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, D. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p.199-228.
- TACCHI, F.. *Fascismo*. Firenze/Milano: Giunti, 2011.
- TRENTO, A. "Dovunque è um italiano, là è il tricolore". La penetrazione Del fascismo tra gli immigrati in Brasile. In:SCARZANELLA, E. (a cura di). *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005, p.1-54.

Fontes documentais

- ANDRICH, C. *Foto M. Dal Mas*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida 09 abril 2012.
- BRASIL. Departamento Nacional de Propaganda. *O Brasil é bom*. [S.I.:s.n], 1938. Não paginado [38p.].
- BRASIL. *Catecismo Cívico do Brasil Novo*. DNP, 1937
- CADERNO de Gustavo Tank. Massaranduba, 1939.
- ESCOLA MUNICIPAL LUIZ DELFINO. Tudo pelo Brasil, 1942.
- SCUOLA ELEMENTARE MISTA COMUNE DI FALCADE. *Pagella Scolastica* di Fiorenha Ganz, Comune di Falcade, Belluno, 1933.
- SCUOLA ELEMENTARE ARISTIDE GABELLI. Caderno de Mario Dal Mas. Belluno, 1939.
- SANTA CATARINA. *Lembrança oferecida pelo Departamento de Educação*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1938. Desdobrável, 15cm x 16,5cm.
- SANTA CATARINA. *Programa de ensino das escolas isoladas das zonas colonias*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1926.
- SANTA CATARINA. *Os Exercícios de Gymnastica – Usados nas escolas publicas do Estado de Santa Catharina*. Blumenau: Hömke Irmãos, 1920
- SANTA CATARINA. *Hymnos Patrioticos e Canções Escolares* [s.d].
- FIORI, L. *Il Grande Nocchiero*. 7.ed. Firenze: Tipografia Fratelli Parenti di G., 1932.